

O modelo de *fast fashion* e o modo de vida imperial: explorando os impactos socioambientais na periferia global

Palavras-Chave: CONSUMO, IMPACTO SOCIOAMBIENTAL, *FAST FASHION*

Autores/as:

SARA MARCELINO DA SILVA DE ALMEIDA, IE, UNICAMP
Prof. Dr. PAULO SÉRGIO FRACALANZA (orientador) IE, UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Os autores Ulrich Brand e Markus Wissen, em sua obra “Modo de vida imperial: sobre a exploração de seres humanos e da natureza no capitalismo global”, analisam a constelação de poder e dominação reproduzida estruturalmente pelos países centrais do capitalismo contemporâneo, sustentada por relações amplamente destrutivas entre sociedade e natureza. Nesse contexto, o padrão de vida observado nos grandes centros urbanos do Norte global viabiliza-se por meio da transferência sistemática dos custos socioambientais das atividades produtivas aos países periféricos do Sul global, locais onde imperam relações de trabalho precarizadas e processos extrativistas predatórios. Tal configuração reforça a invisibilidade social das condições materiais de produção e suas consequências (Brand e Wissen, 2021), característica central do conceito marxiano de fetichismo da mercadoria (Marx, 2013), no qual as relações sociais e econômicas que dão origem aos bens consumidos permanecem ocultas sob o véu do mercado.

Nesse cenário, a indústria têxtil contemporânea, sobretudo em sua vertente conhecida como *fast fashion*, emerge como manifestação paradigmática dessas dinâmicas estruturais. Inserida

profundamente nas cadeias globais de valor, essa indústria caracteriza-se por práticas laborais precarizadas, frequentemente próximas de regimes análogos à escravidão, além de intensivos processos extrativistas e produtivos cujo impacto socioambiental permanece amplamente opaco aos olhos dos consumidores finais (Desirée, 2022). Tal opacidade revela-se central na manutenção das condições que sustentam o consumo acelerado nos centros capitalistas, ao mesmo tempo em que oculta e naturaliza as desigualdades e os mecanismos de exploração que estruturam a produção globalizada (Marx, 2013; Harvey, 2005). Essa dinâmica é reforçada pelo fenômeno descrito por Bauman (1999) como uma lógica de consumo continuamente autoalimentada, em que o desejo por bens materiais se torna incessante e estruturalmente impossível de satisfazer. Sob essa perspectiva, o consumo em larga escala torna-se não apenas expressão da reprodução social e cultural, mas também elemento constitutivo das relações assimétricas entre Norte e Sul global, contribuindo ativamente para perpetuar o que Brand e Wissen (2021) denominam modo de vida imperial.

A emergência do *fast fashion* remonta ao século XX e tem suas raízes históricas no bairro francês de Sentier, onde comerciantes locais

buscavam responder rapidamente às tendências de alta costura com mínimo risco financeiro. Contudo, sua expansão global só se consolida plenamente após as transformações econômicas e políticas das últimas décadas do século passado (Toniol, 2022). Com a intensificação do processo de globalização, marcado pela liberalização comercial decorrente do Consenso de Washington em 1989 e pela criação da Organização Mundial do Comércio (OMC) em 1995, as trocas internacionais aceleraram-se exponencialmente, promovendo novas formas de produção e consumo, que passaram a transcender barreiras culturais e geográficas (Harvey, 2005; Carvalho, 2018).

Na perspectiva de Baudrillard (1995), esse contexto de circulação globalizada intensificou a lógica do simulacro e do espetáculo na sociedade contemporânea, transformando bens de consumo em símbolos culturais e sociais continuamente ressignificados. O *fast fashion* insere-se perfeitamente nessa lógica: ao lançar coleções quinzenais, rapidamente descartadas e substituídas, promove um ritmo frenético de consumo simbólico e material, sustentado por processos produtivos acelerados e, frequentemente, por práticas exploratórias.

No Brasil, grandes redes varejistas como Riachuelo, Renner, Pernambucanas e C&A estabeleceram-se como agentes centrais desse modelo, oferecendo dezenas de milhares de novos modelos anualmente com ciclos produtivos extremamente curtos, geralmente inferiores a duas semanas (Toniol, 2022). Atualmente, o país ocupa a quarta posição global em produção de vestuário e a quinta em produção têxtil, movimentando cifras anuais significativas e respondendo por uma parcela expressiva da geração de empregos nacionais (ABIT, 2021). Contudo, apesar do peso econômico desse

setor, sua cadeia produtiva permanece amplamente opaca quanto às condições reais de trabalho e aos impactos ambientais associados.

Dessa forma, considerando as implicações ambientais e sociais evidenciadas na literatura recente, é possível afirmar que o modelo produtivo vigente da indústria da moda apresenta contradições profundas em relação às demandas de sustentabilidade socioambiental contemporânea. Estudos da Fundação Ellen MacArthur (2017) indicam que mais da metade dos produtos do *fast fashion* são descartados em menos de um ano, resultando em volumes alarmantes de resíduos. Esse padrão de produção e consumo revela uma incompatibilidade com os alertas científicos sobre a emergência climática e socioambiental, ao mesmo tempo em que acentua processos já denunciados por autores como Marx (2013), Baudrillard (1995) e Bauman (1999), reforçando estruturas sociais e econômicas marcadas pela dominação, exploração e insustentabilidade.

METODOLOGIA:

A metodologia adotada no desenvolvimento desta pesquisa buscou articular o referencial teórico à análise de dados empíricos, de modo a evidenciar convergências e tensões entre o debate conceitual e a materialidade da indústria têxtil global. Para tanto, a bibliografia mobilizada concentrou-se no conceito de modo de vida imperial, aplicado ao setor de *fast fashion*, entendido como uma expressão concreta das dinâmicas de dominação dos países centrais sobre os territórios periféricos, por meio da imposição de padrões de consumo e organização produtiva. O foco recaiu, em especial, sobre os impactos ambientais e trabalhistas da cadeia têxtil.

A pesquisa foi estruturada em torno de três eixos temáticos interligados. O primeiro eixo abordou

a manifestação do modo de vida imperial nas práticas e estratégias das empresas de *fast fashion* atuantes nos países periféricos, com ênfase na análise de como o consumo e os valores simbólicos oriundos dos centros capitalistas são projetados sobre essas sociedades. O segundo eixo investigou os impactos ambientais decorrentes da lógica produtiva acelerada da *fast fashion*, desde a extração de matérias-primas, passando pela produção e distribuição, até o descarte. A análise concentrou-se nos efeitos socioambientais assimétricos observados majoritariamente no Sul global. Por fim, o terceiro eixo concentrou-se nas dinâmicas do trabalho envolvidas na produção e circulação dessas mercadorias, examinando as condições laborais à luz da divisão geográfica e das hierarquias estabelecidas pelas cadeias globais de valor.

Para fundamentar teoricamente o primeiro eixo, foi realizada uma leitura aprofundada da obra de Ulrich Brand e Markus Wissen intitulada “Modo de Vida Imperial: Sobre a Exploração de Seres Humanos e da Natureza no Capitalismo Global”, complementada por textos que analisam a aplicação desse conceito à indústria da moda no Sul global. No segundo eixo, o estudo baseou-se em obras como “Moda e Sustentabilidade: Uma Reflexão Necessária”, de Lilyan Berlim, e “Meio Ambiente Sustentável da Moda no Brasil e no Mundo” de Taiara Desirée, entre outras bibliografias complementares selecionadas ao longo da investigação. O terceiro eixo foi sustentado por dados e pesquisas científicas voltadas às condições de trabalho no setor, com especial atenção às formas contemporâneas de exploração laboral.

O eixo empírico permeou transversalmente todos os momentos da pesquisa, a partir da análise de dados e relatórios produzidos por organizações como a Fashion Revolution, que publica regularmente

estudos sobre os impactos socioambientais da indústria da moda em escala global. Outras fontes estatísticas e documentais foram consultadas conforme a necessidade analítica exigida por cada etapa. Ressalta-se que o conjunto de referências mobilizado ao longo do processo de iniciação científica foi adaptado em função das exigências metodológicas e do aprofundamento progressivo da reflexão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Para aprofundar empiricamente as proposições teóricas mobilizadas ao longo do trabalho, esta seção articula o referencial crítico do modo de vida imperial à análise do setor de *fast fashion*, mobilizando tanto literatura secundária especializada quanto uma clipagem de notícias orientada pela metodologia PCC (Problema, Conceito, Contexto). A articulação dessas fontes busca evidenciar como as quatro dimensões propostas por Brand e Wissen (2021) (hegemonia e subjetivação; valoração; acumulação e reprodução; hierarquização e externalização) manifestam-se concretamente na estrutura e funcionamento da indústria da moda rápida, com especial atenção ao contexto brasileiro.

A primeira dimensão, hegemonia e subjetivação, expressa-se no modo como o consumo acelerado de roupas se tornou prática naturalizada, desejável e socialmente legitimada. A Shein, por exemplo, oferece milhares de novos itens diariamente a preços baixíssimos, reafirmando o imaginário de que é legítimo adquirir constantemente novos produtos, independentemente de suas condições de produção. Essa adesão subjetiva à moda descartável é sustentada por mecanismos algorítmicos, publicidade dirigida e influenciadores digitais, que operam como vetores de disseminação de desejos moldados à lógica

da acumulação. As notícias clipadas confirmam a efusão dessa estética da abundância, na qual a sustentabilidade surge como narrativa mercadológica, desvinculada de transformações estruturais.

A valoração desigual, segunda dimensão, manifesta-se de forma contundente na indústria da moda. Investigações recentes revelam o uso de algodão cultivado em áreas de grilagem e desmatamento no Cerrado brasileiro por grandes marcas internacionais, mesmo quando certificadas por selos como o Better Cotton. Esse dado expõe a seletividade da economia capitalista quanto àquilo que é considerado portador de valor: enquanto o produto final é valorizado no mercado global, as condições ecológicas e sociais de sua produção são sistematicamente invisibilizadas. A valoração, portanto, funciona não apenas como operação econômica, mas como tecnologia de negação de existências e territórios.

No plano da acumulação e reprodução, observa-se a organização de cadeias logísticas e tecnológicas em escala planetária, com ciclos produtivos cada vez mais curtos e financeirizados. A clipagem de notícias evidencia como o modelo da *fast fashion* foi internalizado por grandes varejistas brasileiras, como a Riachuelo, cuja adoção do modelo em 2004 permitiu um crescimento acelerado em poucos anos. Trata-se de uma dinâmica que conjuga eficiência operacional, precarização do trabalho e digitalização do consumo, garantindo que a circulação da mercadoria não seja interrompida, mesmo diante de colapsos ambientais ou crises sociais. A moda é aqui menos sobre vestuário e mais sobre um regime de temporalidade que performa o capital.

Por fim, a hierarquização e externalização evidenciam a existência de territórios de sacrifício que subsidiam materialmente a continuidade do modo

de vida imperial. A expansão da monocultura de algodão no Cerrado, com impactos sobre populações tradicionais e sobre a biodiversidade, além do envio massivo de resíduos têxteis para aterros no Sul global, como o deserto do Atacama, exemplifica o deslocamento dos custos ecológicos para corpos e espaços considerados descartáveis. As notícias clipadas reforçam esse padrão, destacando a desigual distribuição dos efeitos socioambientais da produção e do consumo de moda.

A clipagem de notícias, realizada a partir da metodologia PCC, corroborou as quatro dimensões anteriormente discutidas. As palavras-chave utilizadas foram: consumo AND *fast fashion* AND Brasil. Entre os 31 resultados analisados, identificou-se um predomínio de notícias voltadas ao mercado, seguidas de tendências da moda e impacto socioambiental. A presença de notícias recentes sobre "moda sustentável" reforça a tendência de captura das críticas ambientais pelo marketing corporativo. A naturalização da precariedade do trabalho, somada à dissociação entre moda e suas condições materiais de produção, evidencia que os discursos de inovação e responsabilidade social operam frequentemente como máscaras da continuidade.

Assim, ao integrar teoria crítica, dados empíricos e observação midiática, esta análise demonstra que a *fast fashion* não constitui uma distorção do sistema, mas um de seus sintomas mais consistentes. O setor funciona como engrenagem da reificação dos ciclos do capital, enquanto projeta a ilusão de acessibilidade e pluralidade para o consumo, perpetuando estruturas de violência invisível e ecologias de destruição. Nesse sentido, não se trata apenas de denunciar os abusos do setor, mas de compreender como ele se inscreve na totalidade contraditória do modo de vida imperial e na sua capacidade de se reproduzir sob o signo da novidade.

CONCLUSÕES:

Apesar das limitações impostas pela curta duração da pesquisa e sua interrupção por conta de um intercâmbio acadêmico, foi possível esboçar reflexões preliminares sobre as formas concretas de reprodução do modo de vida imperial nas periferias do sistema. O caso brasileiro, observado a partir da indústria da *fast fashion*, exemplifica como o consumo acelerado, a precarização do trabalho e a degradação ambiental operam como elementos estruturantes de uma lógica de dominação que se pretende natural. Longe de encerrar o debate, esta pesquisa reafirma a importância de tensionar os discursos hegemônicos que despolitizam a crise ecológica e diluem responsabilidades históricas. Ao tornar visíveis os mecanismos de externalização e hierarquização que sustentam o cotidiano nos centros capitalistas, contribui-se para a construção de leituras críticas que reconheçam as desigualdades como centrais, e não acidentais, à crise civilizatória contemporânea.

BIBLIOGRAFIA

ABIT. *Dados do setor têxtil e de confecção brasileira*. São Paulo: Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção, 2021.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BERLIM, Lilyan. *Moda e sustentabilidade: uma reflexão necessária*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019.

BRAND, Ulrich; WISSEN, Markus. *Modo de vida imperial: sobre a exploração de seres humanos e da natureza no capitalismo global*. São Paulo: Elefante, 2021.

CARVALHO, José Luís Fiori. *O poder global e a nova geopolítica das nações*. São Paulo: Boitempo, 2018.

DESIRÉE, Taiara. *Meio ambiente sustentável da moda no Brasil e no mundo*. Brasília: Editora Lumen Juris, 2022.

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. *A new textiles economy: redesigning fashion's future*. Ellen MacArthur Foundation, 2017.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2005.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política. Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2013.

PUBLIC EYE. *Bitter threads: How SHEIN sells clothes made by workers paid 3 cents per garment*. Public Eye, 2024.

SEASIDE SUSTAINABILITY. *Fast Fashion: Environmental and social impacts*. 2024.

TONIOL, Ana Paula Nobile. *O fast-fashion no Brasil (1990-2015): uma abordagem a partir da economia criativa*. 2022. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/td-e-07102022-111737/>. Acesso em: 15 dez. 2024.

UN NEWS. *How discarded clothes are choking the planet*. Organização das Nações Unidas, 2025.